

Nova direita brasileira e (re)politização da personalidade autoritária: Um estudo psicossociológico

New Brazilian right and (re)politization of the authoritarian personality: A psychosociological study

Nueva derecha brasileña y (re)politización de la personalidad autoritaria: Un estudio psicossociológico

La nouvelle droite brésilienne et la (re)politisation de la personnalité autoritaire : Une étude psychosociologique

 10.5020/23590777.rs.v24i2.e14587

Raphael Santos das Mercês  

Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGP) do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Federal do Pará (UFPA), na Linha de Pesquisa: Psicanálise - Teoria e Clínica. Graduado em Psicologia pela mesma instituição.

Mauricio Souza  

Psicólogo (1999), Mestre em Antropologia Social (2002) e Doutor em Psicologia (2007), com estágio de Pós-Doutorado em Teoria Psicanalítica (2011). Atua como Professor Associado IV junto ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará (Faculdade de Psicologia e Programa de Pós-Graduação em Psicologia).

Resumo

Na pesquisa que deu origem a este artigo buscamos discernir e analisar os regimes de identificação presentes em parte da nova direita política brasileira, a fim de debater as atribuições de fascismo que a ela têm sido direcionadas no debate público. Para tanto, além de um levantamento teórico-bibliográfico acerca das temáticas da psicologia das massas e da personalidade autoritária inspirado nas ideias de Freud e Adorno, utilizamo-nos do *lurking*, técnica de coleta de dados associada à netnografia, para acompanhar com regularidade as interações no campo de comentários da página de Facebook do Movimento Brasil Livre (MBL) para, em seguida, proceder à análise de seu conteúdo. Em termos conclusivos, corroboramos a tese de que a noção de fascismo, considerando-se a atualização do debate acadêmico sobre o tópico, serve como categoria analítica capaz de dar conta das tendências sociais supramencionadas e defendemos que o que vem sucedendo na atualidade política nacional pode ser lido como a (re)politização de uma personalidade autoritária preexistente, aqui compreendida como sistema ideológico e psicológico profundamente vinculado ao desenvolvimento das sociedades capitalistas modernas, constitutivamente inclinadas ao preconceito, à discriminação e à dominação.

Palavras-chave: nova direita, redes sociais, psicanálise, teoria crítica

Abstract

In the research that led to this article we pursued to identify and analyse the regimes of identification present in part of Brazilian new political right to discuss the accusations of fascism that have been assigned to it. For this purpose, besides a theoretical and bibliographical survey about the topics of mass psychology and authoritarian personality inspired by Freud and Adorno's ideas, we carried out the lurking procedure, a technique of data collection associated to netnography. So, we regularly followed the interactions in the comments box of the Movimento Brasil Livre (MBL) Facebook page, to finally proceed with the content analysis. In conclusive terms, we validate the notion of fascism as an analytical category possible to apply to the abovementioned social tendencies, and we defend that what has been happening in nowadays national politics may be read as the (re)politization of a pre-existing authoritarian personality understood

here as an ideological and psychological system deeply bound to the development of modern capitalist societies, constitutively inclined to prejudice, discrimination and domination.

Keywords: *new right, social network, psychoanalysis, critical theory*

Resumen

En la investigación que dio origen a este artículo buscamos identificar y analizar las formas de identificación presentes en parte de la nueva derecha política brasileña con el fin de debatir las atribuciones de fascismo que a ella han sido hechas. Para eso, además de una búsqueda teórica y bibliográfica acerca de los temas de la psicología de las masas y la personalidad autoritaria inspirado en las ideas de Freud y Adorno, nos valemos del lurking, técnica de coleta de datos asociada a la netnografía, acompañando con regularidad las interacciones en el cuadro de comentarios de la página en el Facebook del Movimento Brasil Livre (MBL), para después proceder al análisis del contenido. En términos conclusivos, validamos la noción de fascismo como categoría analítica capaz de darse cuenta de las tendencias sociales mencionadas, y defendemos que lo que ha ocurrido en la actualidad de la política nacional puede leerse como la (re)politicación de una personalidad autoritaria previamente existente, comprendida aquí como un sistema ideológico y psicológico profundamente vinculado a la historia de las sociedades capitalistas modernas, constitutivamente dispuestas al prejuicio, discriminación y dominación.

Palabras clave: *nueva derecha, redes sociales, psicoanálisis, teoría crítica*

Résumé

Dans la recherche qui a conduit à cet article, nous visons à identifier et à analyser les régimes d'identification dans une partie de la nouvelle droite politique brésilienne, afin de discuter des attributions du fascisme qui lui ont été faites. Ainsi, en plus d'une enquête théorico-bibliographique sur les thèmes de la psychologie de masse et de la personnalité autoritaire inspirée par les idées de Freud et d'Adorno, nous avons utilisé le « lurking », une technique de collecte de données associée à la netnographie, en surveillant régulièrement les interactions dans les commentaires de la page Facebook nommée « Movimento Brasil Livre-MBL », pour ensuite procéder à l'analyse de son contenu. En conclusion, nous validons la notion de fascisme comme une catégorie analytique capable d'expliquer les tendances sociales susmentionnées. Nous soutenons également que la politique nationale actuelle peut être interprétée comme la (re)politisation d'une personnalité autoritaire préexistante, entendue ici comme un système idéologique et psychologique profondément lié au développement des sociétés capitalistes modernes, et donc constitutivement enclin aux préjugés, à la discrimination et à la domination.

Mots-clés : *nouvelle droite ; réseaux sociaux ; psychanalyse ; théorie critique.*

Conforme diversos autores têm observado, a última década se desenrolou sob o signo de uma abrangente crise nas democracias liberais, com o radicalismo de direita se proliferando em várias partes do mundo e assumindo, mais uma vez, caráter disruptivo (Brown, 2018; Gandesha, 2018, 2020; Safatle, 2023). Seja na esfera pública ou no foro mais íntimo e familiar, tal processo fez com que se estabelecesse uma profunda divisão no tecido social, submetendo os sujeitos a uma recorrente confrontação com a dimensão política imanente à cultura.

No Brasil, houve uma ruptura radical na configuração da trama política tal qual ela se estruturava desde a redemocratização; ruptura que, destaca Abranches (2019), pode ser compreendida em dois sentidos. Primeiro em termos das principais forças que hoje se apresentam à disputa da governança do país, com a ofuscação de partidos políticos e figuras representantes de uma direita tradicional e a concomitante ascensão de uma nova direita, mais radical e mais ativa nas ruas e nos meios da comunicação mediada por computadores, direita esta que, com o tempo, passou a ser representada, sobretudo, pelo chamado bolsonarismo. Em segundo lugar, a referida ruptura se expressa nas pautas extremistas alavancadas pelo movimento e por outros a ele associados, as quais implicam – implícita ou explicitamente – de um lado o desejo de subversão institucional e, de outro, uma nítida simpatia por regimes autoritários de caráter fascista.

Com efeito, tanto no contexto acadêmico *stricto sensu* quanto nos meios da opinião pública em geral, muito se tem debatido acerca dessa questão, isto é, sobre o elemento fascista, populista ou autoritário envolvido no movimento sociopolítico supramencionado, cujas manifestações incidem tanto sobre as instituições quanto sobre as subjetividades. Neste último sentido, em consonância às tendências sociais, e fazendo-se notar de modo especialmente destacado nas plataformas de mídias sociais, parece haver adquirido proeminência determinada maneira de se identificar como sujeito pertencente a um grupo e de lidar com as diferenças bastante próxima à análise feita por Freud (1921/2020b) acerca das massas narcisistas de seu tempo, e por Adorno (2015b) ao associá-las à emergência do fascismo.

Foi então em face do perigo para a democracia brasileira, representado por essa tendência social e modalidades identificatórias, que, ao longo da pesquisa que originou este artigo (realizada entre setembro de 2018 e julho de 2019, momento de franca ascensão da extrema direita nacional representada pelo bolsonarismo), retomamos elementos da abordagem freudiana do problema das massas; a ela acrescentando ajustes oriundos da apropriação crítica posteriormente realizada por Adorno (2015b), a fim de investigar a aparente presença na atualidade política do Brasil de estruturas libidinais e dispositivos de propaganda semelhantes àqueles outrora associados às hordas fascistas europeias das primeiras décadas do século passado. Mais especificamente, partimos da hipótese de que a tese da polarização política implica que variados aspectos das massas narcisistas e fascistas descritas por Freud (1921/2020b) e Adorno (2015b) poderiam ser encontrados hoje nas formas da sociabilidade on-line, especialmente em plataformas de mídias sociais como o Facebook (Dunker, 2019).

Quanto ao material avaliado para tanto, extraímos-lo por meio do acompanhamento regular das interações ocorridas nas seções de comentários de uma página do Facebook, mais especificamente a página pertencente ao Movimento Brasil Livre (MBL). Tal escolha de objeto se justifica pelo fato de que, ainda que existam outros grupos que deram corpo à ascensão da chamada *nova direita* no Brasil (Andrade, 2018), o MBL se destacou pela notoriedade que alcançou no decorrer das manifestações em prol do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, desde fins de 2014 até o seu desfecho dois anos depois. Naquele período, pela via da utilização massiva da comunicação via plataformas de mídias sociais, o MBL reuniu ao seu redor um expressivo número de seguidores, à época desta pesquisa eram mais de três milhões, promovendo intensa atividade política on-line com reverberações em volumosas manifestações de rua em todo o país.

Posteriormente, nossa observação inicial se desdobrou em diversas outras questões. A primeira delas pode ser lida da seguinte forma: em que medida estamos diante de uma atualização de estruturas de identificação típicas das massas fascistas clássicas e em que medida estamos diante de um fenômeno novo? Em segundo lugar: uma vez constatada, qual a especificidade dessa atualização no contexto brasileiro? E mais: quais distorções as condições históricas e culturais locais infligem sobre a estrutura da paranoia fascista e qual o conteúdo por ela mobilizado nesse contexto? Finalmente, como essa atualização se relaciona aos recentes desenvolvimentos da comunicação mediada por computadores e suas incidências no campo político e econômico? Evidentemente, trata-se de perguntas cuja amplitude jamais poderia ser contemplada no reduzido espaço de um artigo. Por essa razão, aqui nos limitaremos à primeira delas, deixando as demais para eventuais elaborações futuras.

Por fim, cabe assinalar que este artigo aparece dividido em quatro partes. Na primeira, circunscrevemos teoricamente a pesquisa que deu origem a ele, assim como aprofundamos determinadas questões relativas ao contexto da sua elaboração e execução. Na segunda, debatemos a nossa abordagem metodológica. Na terceira, apresentamos e discutimos os resultados. Por fim, na quarta e última parte, fornecemos uma síntese geral dos nossos achados e interpretações até aqui, bem como um conjunto de questões que vieram à tona ao longo da elaboração deste trabalho e que permanecerão em aberto como convites a investigações futuras.

Alguns apontamentos teóricos e contextuais: A nova direita brasileira, o Movimento Brasil Livre e a noção adorniana de personalidade autoritária

Conforme apontamos anteriormente, ao longo dos últimos anos foi possível observar uma rápida escalada de tendências autoritárias em várias partes do mundo, incluindo o Brasil (Castro et al., 2020). Representadas sobretudo pela extrema direita, tais tendências romperam o círculo das manifestações individuais ou daquelas atreladas a pequenos grupos marginais de supremacistas com tendências autoritárias de inclinação fascista. Elas agora mobilizam, direta ou indiretamente, um considerável contingente populacional e alavancam suas personagens mais excepcionais a cargos de notável relevância na gestão do Estado, pautando, com isso, parte importante das agendas e do debate público.

Com uma retórica inflamada, a extrema direita reconfigurou o espectro político, sobrepondo à sua complexidade uma fantasmagoria dicotômica e restauradora de angústias e dispositivos de um passado até pouco tempo considerado obsoleto (Alonso, 2019). É dessa maneira que ressurgiu hoje, por exemplo, a ameaçadora figura do “comunista”, imagem recorrente no delírio autoritário latino-americano (Miguel, 2019). Isso tudo à revelia das reais condições de movimentos de esquerda como os brasileiros, os quais, em geral mais próximos a uma socialdemocracia ou a um social liberalismo, seguem sendo alvos da projeção e dos ataques do radicalismo dessa direita insurgente.

Mantendo-nos no cenário nacional, podemos situar como ponto de inflexão as manifestações de 2013 e o momento em que, após haver sido derrotado na eleição presidencial de 2014 pela candidata Dilma Rousseff (PT), Aécio Neves (PSDB) questionou o resultado das urnas (Matais, 2014; Passarinho, 2014), instrumentalizando toda uma indignação popular então difusa, mas pré-condicionada desde muito antes por ocasião do tratamento que a grande mídia vinha concedendo ao recorrente problema da corrupção no Brasil. Nesse conturbado período começa a se erguer uma nova fase da direita, caracterizada pela pauta antipetismo-anticorrupção e pela ocupação das ruas, com forte expressividade nas comunicações mediadas por computadores. Uma direita cujo princípio unificador, vale lembrar, foi em larga escala o ímpeto de retirar do poder uma presidente eleita democraticamente, aproveitando-se do que se convencionou referir como a dimensão política do *impeachment*.

Além de se alinhar a tendências globais, espelhando determinadas consequências da política econômica mundial contemporânea (Brown, 2018; Estefanía, 2019; Gandesha, 2018; Solano, 2019), a extrema direita brasileira se destacou também por expressar mais livremente o que havia de verdadeiro no núcleo da mobilização popular descrita acima: ressentimento e desprezo pelas mediações simbólicas, em especial quando elas se prestavam a ser mais que uma fachada para a manutenção de privilégios e dominação de certos setores da sociedade sobre outros, conforme o modelo estruturado pelas balizas históricas e institucionais do autoritarismo brasileiro (Almeida, 2019a, 2019b; Casara, 2019; Schwarcz, 2019; Teles, 2019).

Não à toa muitas das figuras representativas da nova fase da direita nacional liberal, como se autointitula o MBL, estiveram em princípio envolvidas com o crescimento do ex-presidente Jair Bolsonaro, apoiando-o ou mesmo compondo o seu governo, independentemente das suas aspirações abertamente antidemocráticas e contrárias à manutenção da dignidade e ao avanço no campo dos direitos para diversos grupos historicamente oprimidos e explorados, como mulheres, negros, povos indígenas e a comunidade LGBTQIA+. Tanto setores da direita tradicional quanto da nova direita alegadamente democrática foram afetados pela reconfiguração do espaço político.

A linhagem do MBL, é válido recordar, remonta à *Atlas Network*, um *meta-Think Tank*¹ responsável pelo financiamento e impulsionamento de pautas da ultradireita na América Latina e em outras regiões do mundo (Baggio, 2016). Desse modo, pode-se afirmar que sua capacidade de mobilização não está ancorada em absoluto espontaneísmo, como se as massas estivessem essencialmente programadas para segui-los. Trata-se, na verdade, de um processo muito mais complexo envolvendo, sim, certa predisposição ao autoritarismo, conforme mencionado acima, mas também cálculo, procedimentos de comunicação e propaganda. O apelo da direita autoritária, com o apoio de setores ditos não autoritários, como o MBL, utilizou-se do clima de insatisfação popular e do entusiasmo das mídias convencionais em fomentar o imaginário de um país em ruínas e entregue à corrupção, corrupção reduzida ao setor público e a um único partido, para empreender a sua escalada em meio ao caos, influenciando profundamente o cenário político nacional e elegendo seus membros nas eleições subsequentes e, por outro lado, da condição autoritária latente no povo brasileiro.

Existem diferentes maneiras de apreender a referida insatisfação. Para Dunker (2019, p. 122), por exemplo, cada vez que nos aproximamos de nossos ideais é preciso “vivenciar o luto e deixar para trás uma forma de vida que foi superada” e, por outro lado, também “acomodar nossas aspirações de desejo a um novo cenário”. Essa seria a situação da população brasileira após a expansão da experiência democrática proporcionada pelo lulismo. A mobilidade social, nesse sentido, também geraria tensões com classes privilegiadas, que sentem a inclusão de outros como uma perda narcísica. Ademais, pode-se evocar também o sentimento de insatisfação gerado pela consolidação da razão neoliberal a nível global (Brown, 2018; Dardot & Laval, 2016; Gandesha, 2018) e, no Brasil em particular, com a degradação das condicionantes que mantiveram a coesão da base de suporte do lulismo, da burguesia interna às classes de trabalhadores mais marginais (Hermida & Lira, 2018). De toda forma, seja em termos de crise de expectativas crescentes ou conflitos identitários ligados à dimensão do reconhecimento, seja devido à pauperização decorrente da gestão da crise sob o capitalismo neoliberal, é fato que há no mundo inteiro certo quinhão de insatisfação que vem sendo instrumentalizada por movimentos autoritários (Solano, 2019).

É fato que o MBL não exhibe uma fachada antidemocrática. Pelo contrário, o grupo se apresenta como componente de uma direita racional, com pretensão de se opor cultural e intelectualmente às ideologias de esquerda, mobilizando, porém, aqueles mesmos ideólogos do neoliberalismo que reconheceram nas ditaduras fascistas uma espécie de defesa imunológica do capitalismo à transformação social mobilizada na luta por direitos e emancipação (Dardot & Laval, 2016). Sendo este, portanto, um dos motivos de haveremos selecionado precisamente esse grupo para o nosso estudo, pois como Adorno (2019), em sua pesquisa sobre a personalidade autoritária, o nosso interesse se orienta menos àqueles grupos e sujeitos ostensivamente vinculados ao autoritarismo e muito mais àqueles que o mantêm como mero potencial, como fator latente, que não se dá a ver de imediato – tendo-se em vista que a nossa tese implica o reconhecimento do caráter sutil e pervasivo do germe autoritário na sociedade brasileira. Aqui se delinea, também, o problema da relação entre neoliberalismo e autoritarismo (Brown, 2018; Gandesha, 2018). Note-se, como ficará mais evidente na seção seguinte, que nosso enfoque não recai sobre a comunicação do MBL em si, esta fica em segundo plano, demandando uma pesquisa complementar, mas sobre as interações daqueles que se engajam em tais comunicações.

Diante desse quadro, a questão que temos em mente passa a ser a seguinte: como compreender a decisão, amplamente tomada tanto pelo segmento da direita brasileira tradicional quanto por cidadãos que se diziam apolíticos ou indiferentes, de tolerar (e mesmo de incentivar) tendências autoritárias, fornecendo com isso guarida a discursos e mobilizações fascistas eivados de preconceitos e pulsões destrutivas? Defendemos que um movimento dessa natureza pode ser investigado também por meio da sua dimensão psicológica e é sobre ela que nos debruçaremos daqui em diante. Isto é, abordaremos a marca subjetiva da coerção social ou, em termos freudianos, a zona de conflito entre a pulsão enquanto potencial quase ilimitado de realização de formas de vida e as imposições da cultura, caracterizadas por uma série de renúncias em caráter

¹ Trata-se de um *think tank* estadunidense que atua no sentido de organizar e fomentar a atividade de outros *think tanks* associados à defesa e difusão de pautas neoliberais. São instituições que fazem o intermédio entre o conhecimento acadêmico/científico e as políticas públicas. Para mais informações, ver Araldi (2021).

obrigatório (Freud, 1905/2016, 1930/2020a), e como esse complexo está vinculado à constituição das bases de movimentos autoritários de inclinação fascista (Adorno & Horkheimer, 1985; Adorno, 2015b).

Para tanto, seguiremos os passos de uma psicologia social analiticamente orientada, sobretudo no que se refere às elaborações adornianas a esse respeito, as quais partem da constatação de que a psique se comporta, pelo menos em parte, como superestrutura, não devendo ser apreendida como elemento primordial, mas sempre em relação dialética com os processos sociais objetivos (Adorno, 2015a)². Nesses termos, podemos dizer de modo amplo que na cultura capitalista operam dinâmicas formativas tais que tornam cada vez mais estreitas as possibilidades de os sujeitos exercerem autonomia, suprimidos que estão sob o peso da necessidade de se conformarem a instituições superpoderosas (Adorno, 2015b). Com efeito, voltarmos para a questão do sujeito implica refletirmos acerca do seu processo formativo e, em igual medida, acerca dos procedimentos para encaminhá-lo rumo a maior emancipação, o que não deixa de resultar em uma transformação, também, de ordem coletiva.

Ou seja, trata-se de pensar por intermédio do fragmento, aqui representado pelo sujeito em face da sociedade. É nessa direção que cabe ressaltar aqui o valor dos *Estudos Sobre a Personalidade Autoritária* (Adorno, 2019) como um texto bastante representativo da referida abordagem. Nele, como o título sugere, é desenvolvido o conceito de personalidade autoritária em sua qualidade de: “(...) elo entre disposições psicológicas e inclinações políticas” (Adorno, 2019, p. 30). Tal aproximação se sucede também por meio do manuseio de uma delicada dialética materialista dos princípios dicotômicos que traduzem conceitualmente as dinâmicas da sociedade: sujeito e objeto, indivíduo e grupo, particular e universal etc., sendo que tais tipificações são um fato que deveria ser assumido ele mesmo como condicionado às circunstâncias de cada momento histórico.

Nesse sentido, Adorno (2019) afirma que: “A razão para a plausibilidade da abordagem tipológica (...) não é biológica-estática, mas justamente o oposto: dinâmica e social”. Diante disso, a ideia de personalidade aí desenvolvida, um construto relativo àquela zona de conflito na qual os sujeitos se constituem, implica que: “As marcas da repressão social são deixadas na alma individual” (Adorno, 2019, p. 521), partindo do pressuposto de que aquele tempo histórico sustentava a emergência de um tipo antropológico com características novas e bastante específicas. A saber, um tipo potencialmente autoritário que, distinguindo-se do antigo fanático, combina ideias e práticas típicas de sociedades industrializadas com concepções irracionais e antirracionais. A própria possibilidade de se trabalhar com tipologias implica as circunstâncias históricas em que a subjetivação resulta em procedimentos rígidos e estereotipados, performados na relação com um líder poderoso, a comunidade de iguais, seus seguidores, e a alteridade contra a qual se inflama o narcisismo (Freud, 1921/2020b).

O presente artigo reconhece as críticas que hoje recaem sobre o uso do conceito de personalidade autoritária, mas, como Gandesha (2018), não por isso o descarta totalmente. Contanto que se ajuste o papel do fundamento psicanalítico e as transformações impostas pelo contexto neoliberal em relação ao capitalismo de estado, defende-se aqui que esse conceito ainda pode fornecer valor explicativo, considerando-se a reemergência da extrema direita como força política global. A personalidade autoritária é, grosso modo, senão a atitude estereotipada, fomentada pela cultura comoditizada e pela propaganda (Adorno, 2019; Duarte, 2010). Assim, ela pôde permanecer nas democracias liberais, desde o pós-guerra até os dias atuais, apartada de seu conteúdo político imediato (Adorno, 2020).

Pesquisando em uma plataforma de mídia social: *Lurking*, análise de conteúdo e questões epistemológicas

Para o processo de observação das interações ocorridas na página de Facebook do MBL, como dissemos anteriormente, nosso objeto privilegiado de estudos aqui, utilizamos uma metodologia inspirada nas técnicas de etnografia on-line ou netnografia tal como descrita por Kozinets (2010). Grosso modo, essa modalidade de pesquisa consiste em um conjunto de procedimentos voltados ao estudo da comunicação tecnicamente mediada. Suas ferramentas podem se mesclar a diversas outras, como entrevistas, análise do discurso, uso de instrumentos de mapeamento textual etc. Trata-se, portanto, de uma abordagem bastante flexível, desenhada para promover uma representação detalhada das experiências vividas on-line por membros de grupos determinados.

No caso da presente pesquisa, não pudemos desenvolvê-la efetuando todos os passos concernentes a uma netnografia propriamente dita, visto que uma observação verdadeiramente participante das atividades da página estudada nos pareceu algo inoportuno, considerando-se a completa disparidade ideológica entre a intenção dos pesquisadores e o recorte mais expressivo dos membros do grupo, o que, somado à atmosfera de notória animosidade para com as diferenças, poderia nos expor a certos constrangimentos e dificultar a condução da pesquisa. É possível objetar que precisamente tais divergências comporiam de forma enriquecedora os dados da nossa investigação e, de fato, não discordamos disso. Chegamos, contudo, à conclusão de que, na qualidade de observadores, seria possível coletar os dados gerais dos quais necessitávamos sem que, graças a eventuais interações problemáticas, se corresse o risco de comprometer a possibilidade de acesso à página, uma vez que, conforme as regras do Facebook, seria franqueado à equipe de administradores da página do MBL o direito de, a qualquer momento, simplesmente inviabilizar o acesso a ela.

² Um exemplo desse tipo de conexão entre tendências sociais e estruturas libidinais pode ser encontrado nas correspondências que Freud (1913/2013) aponta entre instituições sociais e estruturas psíquicas.

Não obstante a existência de críticas a uma modalidade de netnografia mais passiva ou observacional, o fato é que diversos estudos vêm sendo efetivamente realizados conforme este modelo. É o que apontam, por exemplo, Kozinets et al. (2014) e Costello et al. (2017), os quais denominam tal prática de *lurking* (do inglês “espreitar”), reconhecendo a sua validade em determinados contextos e chegando, inclusive, a recomendá-la visando a obtenção de informações históricas, estrutura social, rituais e movimentos identificatórios, sendo mais precisamente sobre esses últimos que recaiu o nosso interesse aqui. Acrescentamos o quanto é possível valorizar o caráter discreto e menos intrusivo de tal abordagem, que traz consigo o benefício de, em geral, produzir menor interferência no fenômeno estudado, conforme expressam Beaulieu (2004) e Kozinets (2010). Assim, trabalhamos com dois tipos de dados: os arquivais, públicos e resultantes das interações entre os membros do grupo e usuários que vinham participar das discussões na página e os dados reflexivos, ou seja, nossas próprias anotações de campo (Silva, 2015).

Um aspecto interessante na condução deste trabalho de campo que vale a pena mencionar diz respeito ao quanto, pela peculiaridade do meio digital, a imersão dos pesquisadores no objeto de estudos forneceu acesso a uma experiência singular. Ela pode ser descrita da seguinte forma: quanto mais consumíamos conteúdos produzidos e veiculados nas bolhas de direita e extrema direita, mais o algoritmo do Facebook passava a nos interpelar como se pertencêssemos a esses grupos. Estabeleceu-se, com isso, um diálogo constante com a máquina onde não era mais necessário buscar postagens e comentários dos membros daquelas comunidades, já que o perfilamento algorítmico com frequência tratava de trazê-los até nós, despertando, inclusive, uma curiosidade que se transformou em hábito, hábito esse traduzível pela pergunta: o que eles estão falando sobre isso agora? De modo que, como a pesquisa se desenrolou por intermédio de aparelhos eletrônicos e de contas em plataformas de mídias sociais que também são de nosso uso cotidiano, assim, nossa experiência com tais plataformas acabou por se misturar ao trabalho de pesquisa.

A seleção que fizemos do material encontrado nas seções de comentários das postagens da página do MBL se deu a partir dos parâmetros que pudemos estabelecer com base em nosso levantamento bibliográfico. Leia-se: com base em informações obtidas por intermédio de pesquisas anteriores, sobretudo aquelas atreladas à tradição de estudos da *teoria crítica da sociedade* no que se refere à relação entre subjetividade e movimentos sociais autoritários (Adorno, 2015b; 2019). Nessa toada, ao mesmo tempo em que nos atentamos ao conteúdo das interações que pudesse fornecer *insights* sobre a estrutura libidinal vigente no grupo, sobre os seus regimes identificatórios e de representação da diferença e da autoridade, bem como sobre os seus ideais morais e estéticos, passamos a traçar algumas conexões entre o fragmento e a totalidade. Ou seja, entre o ato aparentemente trivial de se apanhar um *smartphone* e checar as redes sociais e os conturbados processos sociais e políticos que o Brasil e o mundo atravessavam, com a ascensão de uma direita política radical eivada de intolerância, obscurantismo e preconceito.

Enfatizamos que este estudo apresentou uma necessária junção entre teoria e empiria e que ambas, como era de se esperar, acabaram por se interpenetrar. Nessa direção, a própria definição do nosso problema de pesquisa dependeu de certo avanço teórico em diversos campos, com destaque para a psicanálise e para a teoria social. Assim, reconhecer o conteúdo de verdade das tipificações freudianas, ao menos no modo como elas foram recuperadas por Adorno em diversas ocasiões, não implica a sua transposição não mediada para a atualidade, uma vez que elas também se vinculam a contextos históricos específicos. Eis aí o direcionamento epistemológico que orientou os nossos passos aqui, sem negligenciarmos, portanto, a necessidade de eventuais redimensionamentos em termos de conteúdo ou mesmo estruturais.

Da mesma maneira, procuramos nos valer de instrumentos de coleta e análise que possibilitassem uma abordagem dinâmica do objeto que elegemos, no caso, a página de Facebook do MBL, e que fossem condizentes com a atualização dos meios de que dispúnhamos, os quais também se transformam em consonância às transformações da própria sociedade. A partir dessa noção, não nos parece correto dizer, por exemplo, que os recortes específicos que fizemos das postagens e das caixas de comentários representem, por si sós e a cada vez, uma amostragem totalmente legítima das diferenças sociais. Inclusive, porque é preciso lembrar que há uma dialética entre o algoritmo e o desejo e que a sociedade não está reduzida às expressões da sociabilidade on-line. Com efeito, as caixas de comentários hospedadas em espaços determinados da rede perdem muito do seu valor informativo se não são reportadas à totalidade das tendências sociais que as transcendem, embora estejam mais ou menos representadas nelas.

Resultados (ou a politização da personalidade autoritária e do seu regime de identificações: Sobre o redespertar do fascismo no Brasil)

Segundo a clássica definição de Freud (1921/2020b), uma massa pode ser lida como um conjunto de sujeitos que instituíram um mesmo objeto no lugar do seu *ideal do eu*, identificando-se, por conseguinte, uns com os outros em seu *eu*. O essencial da formulação freudiana reside no reconhecimento de uma estrutura libidinal que se apresentava como alternativa às explicações correntes em sua época, onde os estudiosos das multidões defendiam a ação da sugestão mental ou de instintos especializados e primordiais, às vezes modulados por uma alma ancorada em teorias raciais, como causas

para os comportamentos dos diversos agrupamentos humanos (ver, por exemplo, as ideias de Le Bon, 2008). Em contraste, na leitura freudiana é o amor, face anímica da libido, o que constitui o fundamento da organização da massa.

Apesar de se aprofundar mais em certos tipos de massa que em outros, a estrutura libidinal descrita por Freud (1921/2020b) comporta uma variedade de montagens em potencial, havendo o autor, em mais de uma ocasião, chamado a atenção para outras possibilidades em termos de configuração da dinâmica grupal: “Deveríamos dar atenção às massas de diferentes espécies, mais ou menos estáveis, que se produzem espontaneamente, e estudar as condições de sua origem e de sua desintegração” (Freud, 1921/2020b, p. 173). O autor segue adiante apresentando alguns importantes desdobramentos dessa discussão em torno da ênfase nas massas que possuem ou não líderes. O faz por meio de perguntas como: As massas com líder são primordiais em relação às demais? Como nasce e morre uma massa? Qual a relação do líder com a(s) ideia(s) condutora(s) da massa? Podem ambos ser negativos? Além disso, ele assinala o fato de que nas complexas sociedades modernas cada indivíduo se vê como parte de muitas massas, intercalada ou simultaneamente. Nada disso, porém, o afasta de seu objetivo de averiguar os “problemas psicológicos fundamentais” que se apresentavam “na estrutura de uma massa”, retomando e aprofundando a tese nuclear das “ligações de libido” (Freud, 1921/2020b, p. 173).

É válido acrescentar que, na leitura desse debate feita por Adorno (2015b), a ênfase freudiana em massas narcisistas e na sua relação com seus líderes foi o que consagrou a sua sensibilidade frente às condições históricas de uma época na qual se antevia a ascensão das massas fascistas na Europa. Ou seja, Freud teria sido capaz de captar as repercussões de fenômenos sociais como o fascismo em termos de regimes identificatórios individuais e coletivos. A importância de observarmos a continuação de tais estruturas libidinais hoje reside no fato de que, como previsto por Adorno (2015a), a derrota de regimes políticos nazifascistas como os de Hitler e Mussolini não significou o fim do *modus operandi* fascista em si, o qual permaneceria latente nos processos de produção da subjetividade sob o capitalismo tardio por meio da eficácia da cultura industrializada e dos seus esquematismos (Adorno & Horkheimer, 1985; Adorno, 2020).

Quanto ao caso aqui selecionado para estudo, a página do MBL no Facebook, não obstante seja possível identificar a estrutura libidinal básica com certa facilidade, tem-se que a complexidade da formação de massas também ficou evidente, pois os sujeitos cujas interações on-line nós acompanhamos não se vinculavam, tendo sempre um único e mesmo elemento como mediador. Na verdade, foi possível perceber em seus discursos toda uma constelação de elementos, personagens, ideais e valores diversos, de modo que o MBL e sua página podiam ser entendidos como representantes de um espaço de aglutinação e fortalecimento de relações de cooperação entre massas dinâmicas e fragmentárias nas quais os líderes principais de uma poderiam ser os líderes secundários de outra ou, então, como pudemos testemunhar, rapidamente se converterem em inimigos (os “comunistas”). De modo que, embora os membros daquela coletividade estivessem unidos pelo pano de fundo de uma ideia em comum, a ampla identificação à direita contra a corrupção representada pela esquerda brasileira, caso o princípio de realidade os colocasse em choque, romperiam em unidades menores, marcadas por aquelas balizas pautadas no amor a objetos específicos.

Como vimos, a formação de massa implica um procedimento de mútua equivalência entre os *eus* que a compõem, processo esse que implica a suspensão do narcisismo das pequenas diferenças. Ou seja, uma equiparação que não se sucede sem o devido deslocamento dos afetos de ódio rumo a outros objetos, assim fixados como exteriores. Nesses termos, ao considerarmos as tematizações mais frequentemente suscitadas nos comentários e discussões por nós avaliados, seja dos membros da página do MBL entre si, seja com algum interlocutor exógeno, pudemos atestar neles a onipresença de uma oposição que dividia o país em duas amplas categorias: “cidadãos de bem” e “maus brasileiros”, refletindo explicitamente o binarismo descrito por Adorno (2015b) em relação ao sistema ideológico-psicológico subjacente às massas fascistas. O que significa dizer que, nesse grupo em particular, assim reverberava a polarização social no âmbito subjetivo. Tal binarismo, além das indicações adorningas quanto à dinâmica do *in-group* e *out-group*, também foi apontado por Alonso (2019) e vários outros autores.

Com efeito, à primeira categoria, sustentada em articulação contínua com a ideia de um “nós” e remontando ao conjunto daquilo que é valorizado positivamente, caberia uma tarefa organizativa a fim de purificar a nação, como sugere o comentário: “O momento é de união e mobilização do povo de bem (...) Os maus brasileiros insistem em acabar com o país. Vamos tomar as ruas e mostrar que o povo unido jamais será vencido”. Em convocação posterior, essa mesma divisão também aparece evidente: “Dia 30/06, MBL, Vem pra rua e as pessoas de bem juntas por um Brasil melhor”. Assim, imbuídos de tantas certezas quanto ao lugar que ocupavam, os usuários identificados com o grupo também pareciam sempre aptos a, de pronto, distinguir os seus. É o que verificamos na seguinte postagem de uma usuária sobre os diálogos vazados entre o então juiz Sérgio Moro e o procurador Deltan Dallagnol, diálogos que colocaram em xeque a imparcialidade na condução da Operação Lava-Jato³ e que culminaram, mais recentemente, na anulação de uma grande quantidade de

³ A Operação Lava-Jato foi uma investigação criminal que teve início em 2014 com o objetivo de apurar casos de corrupção, lavagem de dinheiro e outros crimes financeiros, envolvendo políticos de diversos partidos e sobretudo os setores de petróleo e de construção civil. Em 2019, o jornal *The Intercept Brasil* publicou *chats* privados da Lava-Jato que colocaram em suspeição a imparcialidade de membros da força-tarefa que conduzia a operação. No centro da polêmica estavam as figuras do ex-juiz Sérgio Moro e do procurador Deltan Dallagnol. Para mais informações, ver Greenwald et al. (2019).

decisões tomadas nesse âmbito: “São atitudes de pessoas de bem”. Na mesma toada, em uma constante reiteração dos vínculos que manteriam a sua unidade, os frequentadores da página costumavam tecer espirituosos elogios a si mesmos e aos seus líderes mais proeminentes. Por exemplo: “Surge o verdadeiro MITO do povo brasileiro!! DR. SERGIO MORO, um exemplo para todos os brasileiros de dignidade, educação, patriotismo, coragem, justiça, seriedade e honra. Obrigado, Ministro, foi para isso que votei no Bolsonaro”.

Já a segunda categoria, vinculada à alteridade, abrangia em contrapartida toda a representação do mal, remetendo de imediato à versátil figura do petista, aqui equiparada a significantes como: “comunista”, “corrupto”, “ladão”, “vagabundo” etc. Ela expressava uma comunidade de diferentes que precisaria ser desqualificada e aniquilada, mesmo que pela via da violência. Nos comentários e respostas adiante, podemos melhor vislumbrar como os adversários políticos figuravam no imaginário do grupo aqui pesquisado, com uma autodefinição que se apresentava no espelhamento da imagem do outro: “Quando o PT é contra é pq estamos no caminho certo”. No mesmo sentido, temos ainda: “Sempre aparece um petista maldito pra avacalhar nos comentários. (...) Ninguém aqui é babá de ladrão igual aos petistas”. Desta maneira, os opositores se notabilizam sempre como “bandidos” ou “defensores de bandidos”, quando não ambos simultaneamente. Portanto, sempre sustentando sua posição por algo mais que simples convicção política. Nesse mesmo sentido, outro comentário dizia o quanto essa “vanguarda do atraso”, na contramão da moral e do progresso, esses “idiotas úteis” agiriam contra os interesses do “povo brasileiro”, trabalhando com afinco para, como sempre, “livrar Barrabás” ao invés do messias.

Sobre a realidade brasileira à época, lembra-nos Solano (2019), além de uma crise política e econômica exacerbada por escândalos de corrupção tratados de maneira apenas parcial, faziam-se sentir ainda com gravidade os efeitos colaterais da mobilidade social, da expansão do poder de barganha e de consumo a grupos outrora marginalizados e da acessibilidade à comunicação mediada por computadores, que fundou novas formas de interagir e, portanto, de se fazer política. Em tal contexto, Dunker (2019) relembra a tese da dialética do progresso, segundo a qual o avanço da civilização trouxe consigo seu contrário. Partindo disso, o autor argumenta que a expansão da democracia brasileira, efetivada por conquistas sociais nos governos de centro-esquerda, assim como pela nova disposição assumida pela sociabilidade e pelo mercado na era digital, ativou uma série de mecanismos defensivos conservadores e antidemocráticos em categorias outrora mais privilegiadas.

Com efeito, na circunstância em que uns adquirem direitos e outros perdem privilégios, torna-se tentador a estes últimos culpar os primeiros, negando-lhes a especificidade e alçando abominações éticas ao patamar da legitimidade política. Por exemplo, onde se fala em orgulho LGBTQI+, passa-se a assumir a validade de se falar também em orgulho hetero; onde se defende que vidas negras importam, assume-se que a pauta sobre vidas brancas ou qualquer outra vida humana esteja igualmente justificada, e assim por diante. Embora a situação de crise tenha de fato favorecido o advento dessa lógica política dicotômica, o que a agrava são os atos calculados no sentido de usufruir politicamente a insatisfação vaga e imprecisa.

Não à toa, observamos em tão larga medida o estímulo a uma rígida distinção entre o *in-group* amado e o *out-group* odiado nas interações sociais estudadas. Contudo, para além da ênfase meramente populista, essa distinção recai na reificação da estrutura crentes/não crentes que Adorno (2015b) identificou como fator constitutivo do padrão da propaganda fascista. A validade de tal atribuição se torna ainda mais evidente se avaliarmos alguns aspectos dos conflitos observados no campo de pesquisa, por exemplo, o que ocorria quando um adversário ideológico acessava a página do MBL e fazia uma postagem, fosse argumentando de forma organizada e respeitosa ou com xingamentos e palavras de ordem. Independentemente do que dissesse, a regra geral era os membros identificados ao grupo atribuírem ao dissonante uma carga simbólica que o situava como apenas mais um elemento mediano da categoria “eles”, de modo que toda e qualquer crítica ao governo da época poderia ser respondida com apontamentos sobre o ex-presidente Lula e seu partido.

Foi o que ocorreu após a divulgação, por parte da própria página do MBL, de um áudio em que Sérgio Moro pedia desculpas por havê-los “possivelmente” chamado de “tontos”, conforme denunciaram vazamentos noticiados pelo *The Intercept Brasil* e por parte da mídia convencional. Houve então um aumento de comentários de pessoas que, outrora simpatizantes ou não, começavam a se sentir insatisfeitas com o governo. Elas iam fazer chacota da situação, mas sem mencionar nada relativo à esquerda ou ao ex-presidente Lula. Como resposta obtinham: “E vc é o asno que grita Lula livre, e vem rir dos outros”. Ou ainda: “A escória comunista a todo momento inventando historinha, tentam a todo custo denegrir a imagem do Moro, ainda não engoliram que o mestre deles (Lula) vai passar o resto da vida trancafiado”.

Certa vez, dirigentes do MBL criticaram o governo Bolsonaro, o que gerou repercussão na mídia e, segundo alguns seguidores da página, fortaleceu a esquerda. Nesse jogo de forças, o MBL perdeu alguns de seus apoiadores, os quais passaram a considerá-lo como não muito melhor que o restante da “escória comunista”. No desenrolar da trama, um usuário respondeu assim a uma manifestação de Kim Kataguiri, uma das principais lideranças do MBL, em defesa de Sérgio Moro: “Mas tu não tinha virado a casaca????????”. Em vários momentos, Kataguiri foi atacado, sendo comparado, inclusive, ao ex-presidente Lula: “Não soube lidar com a fama, Lulinha de olhos puxados, sai (...)”, “Mente igual ou tanto quanto o Lula”. Ou ainda: “Poxa, lamento muito: tão jovem e agora no time de Lula, Dirceu, Maia (...)”. Mais do que isso, a própria página do MBL acabou irremediavelmente maculada para algumas pessoas: “MBL em uma semana virou completamente uma página de esquerda, muito decepcionado”. Ao se referir diretamente a Kim Kataguiri, o comentário adiante ilustra

muito bem o tipo de mecanismo costumeiramente acionado frente a manifestações de discordância: “*Bom, você é contrário ao nosso presidente Bolsonaro, você tem que definir qual lado você está porque está difícil, confiava em você*”.

Em outro dos momentos presenciados por nós ao longo do período da pesquisa, ao discutir com uma opositora sobre a questão da atual reforma da previdência brasileira, um participante do grupo propôs que ela lesse o projeto de lei efetivamente apresentado sobre o tema. Logo depois, porém, muda de ideia, talvez por haver visitado o perfil da sua interlocutora: “*Você é militante do PSOL, esquece, mesmo que leia não entenderá nada, teria que desenhar e fazer outro desenho para explicar o primeiro desenho!*”. Essa sensação de incompreensão generalizada, de que não vale a pena se comunicar, característica do atual clima político brasileiro, encontrava-se altamente difundida nos comentários analisados. Por exemplo, em: “*Se depois de tudo que aconteceu no país vc ainda parar pra discutir com um petista, a doida é Vc! Não somos psiquiatras!*”. Impera, portanto, a noção de que o diálogo está para além do horizonte do possível, cabendo atribuir ao adversário político as caricaturas da falta de inteligência ou da loucura.

Mais um ponto que nos parece interessante destacar diz respeito à submissão e à subserviência com que os membros do grupo se prostravam em relação a alguns dos seus líderes, declarando apoiá-los incondicionalmente. Tal apoio se fundamentava também na relativização da verdade e dos critérios de validação do saber. É o que sugere a seguinte postagem: “*Deltan, eu nem preciso te ouvir pra saber que você está certo. Só o que vocês estão fazendo pelo país mostra claramente as intenções*”. Ou ainda: “*Esse Sr. Ministro da Justiça Moro, ele sempre sabe o que faz. Eu vou sempre estar do lado dele nas decisões que ele tomar*”. Na mesma direção, ao se mostrar agradecido por um vídeo publicado por Kim Kataguirí em que ele avaliava o teor das conversas vazadas e fornecia o seu veredito de que não haveria nelas irregularidade alguma, um usuário comenta: “*Kim, não gosto dos termos da advocacia e toda a falácia que usam, mas ao ouvir as suas palavras tudo fica muito claro e compreensível. Continue assim. Parabéns*”.

Ainda com relação tanto ao episódio do vazamento de áudios quanto à relativização da verdade e dos critérios de validação do saber apontados há pouco, vale acrescentar o quanto muitos comentários surgiram no sentido de negar a veracidade do vazamento. Assim, segundo os apoiadores do então ministro Sérgio Moro: “*Não parece ser a voz do Moro (sic)*”, “*Esse nunca foi o Moro*”, “*Isso é feke (sic)*” etc. Ademais, ao veicularem notícias sobre o ocorrido e a elas conferirem algum destaque, conceituados veículos como *BBC*, *CNN*, *CBN*, *The Guardian* e *Folha de São Paulo* foram de pronto reduzidos pelos membros do MBL a “*mídias de extrema esquerda*”. Quando ocorria de tais veículos serem citados por interlocutores, as respostas se seguiam tais como: “*Essa mesma mídia que recebeu dinheiro dos governos passados para se calarem diante dos crimes? A esquerda é lixo e vc é um comedor de mortadela. LulaTaPresoBabaca*”.

Em face desse padrão de conduta na relação com o outro, recordemos o quanto, nos termos de Freud (1921/2020b), o líder pode ser visto como a amarração de todo um feixe de clamores ou insatisfações cuja substância é a de uma demanda posta e recuperada pela perfeição atribuída a si como objeto sanador das exigências do *ideal do eu* que norteia a massa. Compreendemos assim o referido caráter quase incondicional do apoio oferecido por ela (massa?) como subsidiário de uma verdade que se dá de forma personificada e *a priori* não a partir do que é dito, mas a partir da identidade daquele que fala. A propósito, no texto freudiano é atribuído ao *ideal do eu* também a função de prova da realidade, derivada do tipo de relação que o hipnotizado mantém com o hipnotizador, considerando que este último conduz o primeiro a: “*(...) vivenciar sonhadamente o que ele afirma e solicita*” (Freud, 1921/2020b, p. 74). Uma observação, porém, faz-se oportuna neste ponto: mesmo que mais tarde, em *O Eu e o Id*, Freud (1923/2011) retifique a tese acima, defendemos que reconduzir tal função de volta ao *eu* não compromete a leitura que fazemos aqui, apoiada na apropriação crítica de Adorno (1951/2015b) segundo a qual o padrão de liderança das massas fascistas permitiria que propuséssemos certa intercambialidade entre *eu* e *ideal*.

No que diz respeito a essa questão, encontramos em Adorno (2015b) uma interessante compreensão acerca das modificações sofridas pelos padrões de liderança no último século, onde adquiriu relevo o dispositivo do pequeno-grande-homem, isto é, aquele líder que performa simultaneamente excepcionalidade e mundanidade. Esse dispositivo promove uma espécie de solução de compromisso para o conflito entre desejar a autoridade e, ao mesmo tempo, a submissão, já que: “*ao fazer do líder seu ideal*”, o sujeito do século XX ama “*a si mesmo, por assim dizer, mas se livra das manchas de frustração e mal-estar que desfiguram a imagem de seu próprio eu empírico*” (Adorno, 2015b, p. 169). Nos termos do mesmo Adorno (2015b), teria sido posto em curso em tal período uma regressão mais aprofundada do que nos séculos anteriores, a qual, indo além das estruturas clássicas do *complexo de Édipo* preconizado por Freud, reativaria angústias e mecanismos narcísicos ainda mais primitivos.

Existem, na verdade, diversos pontos captados nos discursos dos sujeitos por nós observados que reforçam a tese de que, para além de uma mera manifestação populista, estamos diante de um movimento que os vincula a um modelo de identificação muito semelhante àquele atribuído às massas fascistas estudadas por Adorno (2015b). Nesse sentido, para além do tipo de relação rígida entre *in-group* e *out-group* que compõe o pensamento estereotipado e pautado em *tickets*⁴ que organizam a realidade em grandes blocos e da personalização e mobilização do dispositivo do pequeno-grande-homem,

⁴ Segundo Adorno (2019, p. 522), *tickets* são: “processos sociais padronizados, opacos e avassaladores que deixam ao ‘indivíduo’ pouca liberdade de ação e individuação verdadeira”.

consta entre eles uma intensa adoração de símbolos e discursos nacionalistas. No caso da página do MBL no Facebook, a bandeira do Brasil e suas cores, junto aos termos “*pátria*”, “*orgulho*” e “*brasileiros*” eram imagens frequentes. Aqui acrescentamos, seguindo Paxton (2007, p. 287), o quanto: “Os novos fascismos provavelmente dariam preferência aos trajes típicos e patrióticos de seu país de origem às suásticas e fascios estrangeiros”. Vide, a título de exemplo, a reapropriação e a presença maciça da camisa da seleção brasileira de futebol nas manifestações de rua da (extrema) direita brasileira.

Considerações Finais

Conforme exposto, nosso principal objetivo com a pesquisa que deu origem ao presente artigo foi o de avaliar o regime de identificações implicado no que se tem entendido como polarização política brasileira, processo em meio ao qual a extrema direita adquiriu destaque em âmbito nacional. Após abordarmos tal processo a partir da sua dimensão psicológica pela via do acompanhamento sistemático de uma página política de internet declaradamente liberal como a do MBL, consideramos que o fenômeno da polarização política em nosso país desvela sim algo da estrutura de uma personalidade autoritária que segue se fazendo presente não apenas no Brasil, mas na cultura capitalista contemporânea, compondo, portanto, de maneira intrínseca os seus modos de produção e de vida.

Essa afirmação se dá em virtude de, ao longo de meses de pesquisa tanto teórica quanto empírica, haveremos identificado no objeto de estudo acima referido toda uma série de estruturas e dispositivos característicos do regime de identificações presente no tipo de massas enfatizado por Freud (1921/2020b) e Adorno (2015b) na primeira metade do século XX. Com destaque para a dicotomia simbólica e afetiva que nutria a relação entre o *in-group* amado e o *out-group* odiado, o pensamento estereotipado, a tendência a se submeter e a se identificar ao poder, a personalização no campo da política, a ausência de pautas racionais e objetivas, a coesão negativa via ódio e exclusão, bem como a função do pequeno-grandehomem e um nacionalismo exacerbado e que assume tom de culto, mistificado.

É a presença de tais elementos que nos conduz à afirmação de que há uma estrutura libidinal subjacente a essas massas na qual incide um acentuado elemento narcísico, ainda que sobre tal estrutura se acoplem outras constelações significantes diferentes daquelas apresentadas pelo fascismo europeu clássico analisado por Adorno em sua época e contexto. Tendo em vista tais resultados, entendemos, portanto, que a corrente atualização da estrutura libidinal das massas fascistas, em cuja dinâmica *eu* e *ideal* não se separam substancialmente, não corresponde a um desvio com relação às atuais tendências da democracia liberal no Brasil e no mundo.

No caso brasileiro em particular, a circunscrição histórica a todo um longo e intenso processo colonial e escravista, além, é claro, da lamentável incapacidade de elaboração do passado violento e autoritário representado pelo empreendimento colonial e por uma ditadura militar que durou décadas (1964-1985), apontam o quanto o esclarecimento totalitário certamente impôs a nós as suas diretrizes, o que reverbera hoje em termos da nossa expressão como coletividade. Nesse contexto, as subjetividades se tornam passíveis de mutilação, sendo o fascismo e a sua estrutura libidinal básica uma das expressões dessa violenta integração. Pois, conforme apontado anteriormente, na cultura capitalista as condições de subjetivação favorecem a formação de massas estruturalmente fascistas, as quais podem, inclusive, sobreviver à queda dos fascismos politicamente manifestos, permanecendo aparentemente despolitizadas como uma síndrome ideológica e psicológica do preconceito sempre pronta a se repolitizar, sendo esta repolitização o que parecemos testemunhar no Brasil atual.

É preciso acrescentar a essa indagação, porém, algumas informações importantes. Por exemplo, argumenta-se não ser possível que cerca de metade da população brasileira pudesse ser considerada fascista, somando-se aqui a extrema direita e seus aliados “moderados”, neutros e indiferentes. O problema aí é que, segundo Adorno e Horkheimer (1985), os próprios processos de produção da vida na sociedade capitalista, ou seja, a própria norma tal como a conhecemos, elevaram o fascismo a algo mais do que uma escolha subjetiva. Para os autores, desde meados do século passado, o núcleo estrutural do fascismo passou a compor os processos de constituição da própria subjetividade forjada no ritmo de aço da cultura industrializada, de modo que seria possível falarmos em uma sociedade fascista, leia-se, uma sociedade cuja fisionomia institucional e os dispositivos reproduzem modelos vinculados aos conflitos e mecanismos característicos da dominação, segregação e exploração e, portanto, da constelação do fascismo, por sua significação no processo de constituição do mundo moderno. O fascismo estabelece uma relação de continuidade com as democracias liberais por intermédio da industrialização da cultura (Duarte, 2010).

Nesse nível de entendimento, o fascismo aparece então como a expressão típica da regressão na cultura pretensamente racional: por meio dele, o secularismo dos Estados modernos trai a si mesmo na manutenção de uma estrutura de culto, porém, traduzida para os elementos da cultura, o que seria, a propósito, apenas a intensificação de um dos sentidos que esse conceito já abarcava originalmente. Afinal, o novo tipo antropológico representado pela personalidade autoritária é a forma histórica da barbárie circunscrita no processo civilizacional contemporâneo tal como ela incide sobre a subjetividade não apenas em termos positivos, mas, também, em termos de sua potencialidade.

Com isso, acreditamos que o que presenciamos nos últimos anos não foi exatamente a conversão súbita de metade da população brasileira ao fascismo, pois, conforme tencionávamos esclarecer acima, adotamos aqui o pressuposto de

que relevantes traços do fascismo como fenômeno social e subjetivo podem ser tomados como intrinsecamente atrelados aos processos históricos de produção da vida no mundo moderno. O fascismo estaria, sob essa perspectiva, vinculado ao próprio desenvolvimento dos princípios burgueses. O Brasil, é evidente, não ficou alheio a tais desenvolvimentos.

Então defendemos a ideia de que o que testemunhamos hoje neste país é a politização (ou repolitização) de uma configuração psicológica e ideológica geral que já continha em si toda uma inclinação à discriminação e supressão violenta das diferenças em nome da identidade e do princípio universalista, e que tem sido manejada desde meados do século passado a fim de mobilizar as massas contra seus próprios interesses racionais (Adorno, 2015b). Em suma, a reativação de um potencial latente, subjacente à imposição homogeneizante de uma unidade cultural pautada no mito da democracia racial (Ribeiro, 2006).

Sob tal perspectiva, o fascismo não representa de modo algum um ponto fora da curva em relação às tendências seguidas pelas sociedades capitalistas contemporâneas, onde, a despeito de algumas relevantes conquistas no campo formal, continuam se perpetuando com as mesmas práticas predatórias e totalitárias, amparadas pela indiferença do capital e camufladas por detrás das noções liberais de um mercado representativo e de uma igualdade abstrata. A associação entre ideólogos neoliberais e ditaduras de direita é um exemplo prático disso. Como sugere Safatle (2018), não sendo o fascismo, portanto, uma manifestação estranha à cultura ocidental dita civilizada, cabe redirecionar a nossa crítica àquilo que entendemos como a própria norma social e, obviamente, às formas de vida que ela produz e os procedimentos por meio dos quais as reconhece.

Mas, a despeito de tais constatações preliminares, ou, talvez, precisamente por conta delas, restam ainda algumas questões a serem respondidas, com as quais, de maneira provocativa, encerramos este artigo. O fazemos na esperança de que funcionem como convites para novos e necessários estudos acerca da temática até aqui desenvolvida. Por exemplo: se a estrutura libidinal autoritária que descrevemos e analisamos não se resume à extrema direita, quais as implicações de a reconhecermos também em movimentos sociais progressistas? O que está por detrás dessa repolitização da personalidade autoritária no contexto nacional brasileiro e qual o conteúdo regressivo que ela implica? E mais: Qual o papel das novas tecnologias de informação e comunicação nesse processo? Por fim, mas não menos importante: Como a psicanálise e a teoria social, ferramentas heurísticas privilegiadas por nós ao longo destas páginas, podem ou não efetivamente colaborar, quer seja pela via educacional, quer seja pela via terapêutica, para um enfrentamento de tal estado de coisas rumo a uma práxis emancipadora?

Referências

- Abranches, S. (2019). Polarização radicalizada e ruptura eleitoral. *Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje* (pp. 11-34). Companhia das Letras.
- Adorno, T. (2015a). Tabus sexuais e direito hoje. In T. W. Adorno, *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise* (pp. 199-228). Editora Unesp. (Trabalho original publicado em 1967).
- Adorno, T. (2015b). *Ensaio sobre psicologia social e psicanálise* (pp. 153-190). Editora Unesp. (Trabalho original publicado em 1951).
- Adorno, T. (2019). *Estudos sobre a personalidade autoritária*. Editora Unesp. (Trabalho original publicado em 1950).
- Adorno, T. (2020). *Educação e emancipação* (pp. 31-54). Paz & Terra. (Trabalho original publicado em 1959).
- Adorno, T., & Horkheimer, M. (1985). *Dialética do esclarecimento*. Zahar. (Trabalho original publicado em 1947).
- Almeida, S. (2019a). Neoconservadorismo e liberalismo. In E. S. Gallego (Org.), *O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil* (pp. 23-28). Boitempo.
- Almeida, S. (2019b). *Racismo estrutural*. Pólen.
- Alonso, A. (2019). A comunidade moral bolsonarista. In S. Abranches et al (Eds.), *Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje* (pp. 52-70). Companhia das Letras.
- Andrade, B. S. de A. (2018, 19 a 21 de setembro). *Das ruas às redes: Os quadros de ação coletiva do MBL na manifestação de 13 de março de 2016 pelo impeachment de Dilma Rousseff*. [Apresentação de trabalho]. 1º Congresso do Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia em Democracia Digital, Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, Salvador, Bahia.

Araldi, L. (2021). *Na batalha de ideias: Objetivos, meios e ações da Atlas Network no Brasil* [Dissertação de Mestrado,

Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. LUME – Repositório Digital da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/220472>

Baggio, K. G. (2016, 26 a 29 de julho). *Conexões ultraliberais nas Américas: O think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latino-americanas*. [Apresentação de trabalho]. Anais do décimo segundo Encontro Internacional da Associação Nacional de Pesquisadores e Professores de História das Américas - ANPHLAC, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, Mato Grosso do Sul.

<https://www.ifg.edu.br/attachments/article/7536/Conex%C3%B5es%20ultraliberais%20nas%20Am%C3%A9ricas%20o%20think%20tank%20norte-americano%20Atlas%20Network%20e%20suas%20vincula%C3%A7%C3%B5es%20com%20organiza%C3%A7%C3%B5es%20latino-americanas%20%E2%80%93%20K%C3%A1tia%20Baggio.pdf>

Beaulieu, A. (2004). Mediating ethnography objectivity and the making of ethnographies of the internet. *Social Epistemology*, 18(2-3), 139-163. <https://doi.org/10.1080/0269172042000249264>

Brown, W. (2018). Neoliberalism's Frankenstein: Authoritarian freedom in twenty-first century "democracies". *Critical Times*, 1(1), 60-79. <https://doi.org/10.1215/26410478-1.1.60>

Casara, R. (2019). Precisamos falar da "direita jurídica". In E. S. Gallego (Org.), *O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil* (pp. 64-69). Boitempo.

Castro, H., Santos, D., & Beal, L. (2020). A insatisfação política e a ascensão do autoritarismo-populista: Uma análise da América do Sul e da Europa. *Debates*, 14(3), 99-125. <http://hdl.handle.net/10183/232537>

Costello, L., Mcdermott, M., & Wallace, R. (2017). Netnography: Range of practices, misperceptions, and missed opportunities. *International Journal of Qualitative Methods*, 16(1), 1-12. <https://doi.org/10.1177/1609406917700647>

Dardot, P., & Laval, C. (2016). *A nova razão do mundo: Ensaio sobre a sociedade neoliberal*. Boitempo.

Duarte, R. (2010). *Indústria cultural: Uma introdução*. Editora FGV.

Dunker, C. (2019). Psicologia das massas digitais e análise do sujeito democrático. In Vários Autores (Eds.), *Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje* (pp. 116-135). Companhia das Letras.

Estefanía, J. (2019, 24 de março). Mas quem é essa nova direita que ganha espaço pelo mundo. *El País*. https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/22/opinion/1553264899_947348.html

Freud, S. (2011). *O Eu e o Id, "Autobiografia" e outros textos* (pp. 13-74). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).

Freud, S. (2013). *Totem e Tabu: Algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos e a dos neuróticos*. Penguin & Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1913).

Freud, S. (2016). *Obras completas, volume 6: Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)* (pp. 13-172). Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1905).

Freud, S. (2020a). *Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 305-410). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1930).

Freud, S. (2020b). *O mal-estar na cultura e outros escritos de cultura, sociedade, religião* (pp. 137-232). Autêntica. (Trabalho original publicado em 1921).

Gandesha, S. (2018). "Identifying with the aggressor": From the authoritarian to neoliberal personality. *Constellations*, 25(1), 147-164. <https://doi.org/10.1111/1467-8675.12338>

- Gandhesha, S. (2020). *Spectres of fascism: Historical, theoretical and international perspectives* (pp. 1-26). Pluto Press.
- Greenwald, G., Reed, B., & Demori, L. (2019, 9 de junho). Como e por que o Intercept está publicando chats privados sobre a Lava Jato e Sérgio Moro. *Intercept Brasil*. <https://www.intercept.com.br/2019/06/09/editorial-chats-telegram-lava-jato-moro/>
- Hermida, J., & Lira, J. (2018). Estado e neoliberalismo no Brasil (1995-2018). *Cadernos de pesquisa: Pensamento educacional*, 13(35), 38-63. <https://pdfs.semanticscholar.org/29e3/62ca986381f18ff5e3e3ca3aa551cb233862.pdf>
- Kozinets, R. (2010). *Netnography: Doing ethnographic research online*. Sage Publications.
- Kozinets, R., Dolbec, P., & Earley, A. (2014). Netnographic analysis: Understanding culture through social media data. In U. Flick (Ed.), *Sage handbook of qualitative data analysis* (pp. 262-275). Sage Publications.
- Le Bon, G. (2008). *Psicologia das multidões*. Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1895).
- Matais, A. (2014, 30 de outubro). PSDB de Aécio Neves pede auditoria na votação. *Estadão*. <https://www.estadao.com.br/politica/psdb-de-aecio-neves-pede-auditoria-na-votacao/>.
- Miguel, L. F. (2019). A reemergência da direita brasileira. In E. S. Gallego (Org.), *O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil* (pp. 14-22). Boitempo.
- Passarinho, N. (2014, 18 de dezembro). PSDB pede a TSE cassação de Dilma e posse de Aécio como presidente. *G1*. <https://g1.globo.com/politica/noticia/2014/12/psdb-pede-tse-cassacao-de-dilma-e-posse-de-aecio-como-presidente.html>.
- Paxton, R. (2007). *A anatomia do fascismo*. Paz e Terra.
- Ribeiro, D. (2006). *O povo brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. Companhia das Letras.
- Safatle, V. (2018). Federn, Kelsen, Laclau e a dimensão anti-institucional da democracia. In C. Hoffman, & J. Birman (Orgs.), *Psicanálise e política: Uma nova leitura do populismo* (pp. 51-64). Instituto Langage/Université Paris Diderot.
- Safatle, V. (2023). O dia no qual o Brasil parou por dez anos. In B. Altman, & M. Carlotto (Orgs.), *Junho de 2013: A rebelião fantasma* (pp. 97-110). Boitempo.
- Schwarz, L. (2019). *Sobre o autoritarismo brasileiro*. Companhia das Letras.
- Silva, S. de A. (2015). Desvelando a netnografia: Um guia teórico e prático. *Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação*, 38(2), 339-342. <https://doi.org/10.1590/1809-58442015217>
- Solano, E. (2019). A bolsonarização do Brasil. In S. Abranches et al (Eds.), *Democracia em risco: 22 ensaios sobre o Brasil hoje* (pp. 307-321). Companhia das Letras.
- Teles, E. (2019). A produção do inimigo e a insistência do Brasil violento e de exceção. In E. Solano (Org.), *O ódio como política: A reinvenção das direitas no Brasil* (pp. 57-63). Boitempo.

Como Citar:

Mercês, R. S. das, & Souza, M. (2024). Nova direita brasileira e (re)politização da personalidade autoritária: Um estudo psicossociológico. *Revista Subjetividades*, 24(2), e14587. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v24i2.e14587>

Endereço para correspondência

Raphael Santos das Mercês
E-mail: raphaelmerces@gmail.com

Mauricio Souza
E-mail: souza.mr@gmail.com



Recebido: 14/08/2028
Revisado: 12/03/2024
Aceito: 28/04/2024
Publicado: 02/08/2024